

# Reprovação foi abolida em Belo Horizonte

## Mudanças diminuíram o índice de repetência na rede pública estadual de Minas

• BELO HORIZONTE. A decisão do Ministério da Educação de sugerir mudanças no ensino em estados e municípios foi antecipada em Minas. As 170 escolas da rede municipal de Belo Horizonte aboliram o sistema de repetência e aplicação de provas convencionais há dois anos. Instalada ano passado, a chamada Escola Plural obrigou os professores a se reciclar ou abandonarem as salas de aula. Mas acabou assimilada, apesar das críticas iniciais.

Na rede estadual, o sistema tradicional e de repetência foi abolido para a 1ª e 2ª séries, mas mantido nos estágios seguintes. O método começa a ser ampliado e o aluno pode mudar de série mesmo se ficar reprovado em até duas disciplinas. Além disso, a repetência caiu, a partir de 1991, de

43,2% para 18% nas séries com o sistema de avaliação tradicional.

Na Escola Plural, o Primeiro Grau foi dividido em três ciclos de formação básica, de três anos cada: o da infância (entre 6 e 9 anos), o da pré-adolescência (de 9 a 12 anos) e o da adolescência (12 a 15 anos). Não há reprovação dentro de cada ciclo. Para a secretária de Educação de Belo Horizonte, Glaucia Miranda, o novo sistema é bem mais completo e acabou com o vício da repetência entre os alunos da rede municipal da capital mineira.

O secretário municipal adjunto de Educação, Miguel Gonzales Arroyo, é considerado o teórico da Escola Plural, sistema implantado pela administração do PT em Belo Horizonte. Num de seus textos, "Pátria amada, ignorada", ele

resume sua postura voltada para uma educação popular: "A longa história de fracassos escolares não é culpa do aluno desinteressado ou carente de inteligência. A culpa é do Estado falido, descompromissado e omissor".

Segundo o professor, a verba destinada à educação é mal aproveitada e se perde em projetos inúteis, utópicos e dispendiosos. Para ele, o problema é social só será resolvido se for politicamente encarado.

Sem provas e repetências, a Escola Plural em Minas pode elaborar projetos a partir de discussões entre alunos e professores. Um fato de repercussão nacional, como a morte dos membros do Mamonas Assassinas, pode servir de ponto de partida para a criação de matérias nas aulas. Es-

tuda-se, por exemplo, a língua portuguesa a partir de reportagens publicadas em jornais.

Com mais de três milhões de alunos no chamado ensino fundamental, o que representa 12% dos alunos brasileiros deste nível de ensino, Minas tem 6.150 escolas. Só a rede estadual é responsável por 56% da matrícula no pré-escolar e por 66% da matrícula no Primeiro Grau.

Segundo a diretora da Superintendência de Ensino do estado, Leda Casasanta, o sistema serial e de aplicação de provas não foi totalmente abandonado. Mas alunos de níveis diferentes convivem na mesma sala, no sistema de atividade contínua.

— Quem sabe mais uma matéria ensina aos demais — explicou Casasanta. ■